

## De Guaratinguetá ao mundo das Letras

José Brito Broca nasceu em 1903, em Guaratinguetá, São Paulo. Desde cedo já demonstrava grande interesse pelos livros e pela literatura. Em 1923, formou-se pela Escola Normal. Ainda estudante, escreveu as primeiras crônicas no *Correio Popular* (fundado em 1914) e *O Farol* (fundado em janeiro de 1924, o jornal criticava a prefeitura e a Câmara de Guaratinguetá), jornais de sua cidade. Nessa época, enviou textos para periódicos cariocas, as revistas *Fon-Fon!* e *Para Todos*. Além disso, assistiu às conferências de festejados escritores que passaram por Guaratinguetá. Em 1922, ouviu Coelho Neto no Clube Literário da cidade. Anos mais tarde, em 1958, publicaria minuciosa pesquisa sobre o “Príncipe dos Prosadores” na *Revista do Livro*. No mesmo ano de 1922, vindo da Semana de Arte Moderna, Menotti Del Picchia deu o ar da graça na promissora cidade do Vale do Paraíba.

Em 1924, Brito Broca mudou-se para São Paulo. Em 1927, passou a trabalhar na redação de *A Gazeta* e a conviver com escritores e intelectuais na capital paulista, como Monteiro Lobato e Cassiano Ricardo. Reencontrou Menotti Del Picchia, que, em meio a discussões sobre o modernismo, indicava-lhe leituras de autores contemporâneos.

Durante a Revolução Constitucionalista de 1932, Brito Broca retornou à terra natal. Nesse período de “exílio provinciano”, dedicou-se à leitura, lendo e relendo cerca de duzentos livros, conforme relata em suas memórias.

Regressando a São Paulo, assumiu, em 1935, a seção literária de *A Gazeta* (periódico paulistano fundado em 1906). No final de 1937, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ocupou o cargo na Comissão de Doutrina do Regime, e depois, assumiu o posto de redator na Livraria José Olympio Editora. Além disso, continuou escrevendo na sucursal de *A Gazeta*.

Na antiga capital federal, encontrou um ambiente propício para exercer sua atividade literária, colaborando em vários periódicos e entrando em contato com escritores e críticos que ali se concentravam. Entre eles, conviveu com Otto Maria Carpeaux no *Correio da Manhã*, onde discutiam a respeito da grande paixão de ambos: a literatura.

O interesse literário de Brito Broca não se restringia somente ao Brasil. Seu primeiro livro publicado, *Americanos* (1944), revelou autores do continente pouco conhecidos do público brasileiro. Na sua viagem a Buenos Aires, em 1946, como correspondente do suplemento “Letras e Artes”, de *A Manhã*, entrevistou escritores argentinos como Francisco Romero, Eduardo Mallea, Benito Lynch e outros. Dois anos mais tarde, embarcou rumo à Europa. Em Paris, conversou com Roger Caillois, e em Lisboa, com João Gaspar Simões.

Durante as décadas de 1940 e 1950, Brito Broca escreveu intensamente para jornais e revistas, tornando-se um caso singular no meio intelectual brasileiro: um exemplo quase único de escritor que vivia exclusivamente do jornalismo literário.

Acumulava vasto material com a multiplicidade de assuntos, autores, de várias nacionalidades e épocas, abordados nos textos espalhados em periódicos. E, em 1956, com a publicação de *A vida literária no Brasil 1900*, concentrou-se em um estudo detalhado da literatura brasileira nos quinze primeiros anos do século XX. Segundo Brito Broca, esse seria o terceiro volume de um conjunto de obras sobre a vida literária no Brasil: o primeiro abordaria o período colonial; o segundo, o Romantismo; e o quarto, o Modernismo. Porém, a sua morte repentina por atropelamento, em 1961, interrompeu a continuação do projeto.

O jornalista literário publicou em vida cinco livros – *Americanos* (1944), *Raul Pompéia* (1956), *A vida literária no Brasil 1900* (1956), *Horas de leitura* (1957) e *Machado de Assis e a Política e Outros Estudos* (1957) – e deixou organizado *Pontos de referência* (1962). Centenas de artigos permaneceram dispersos em jornais e revistas, textos que, depois, foram sendo reunidos por amigos do crítico.

O conterrâneo Francisco de Assis Barbosa publicou, sob o título *Memórias* (1968), parte do livro inacabado de Brito Broca, *Quando havia província*, bem como *Letras Francesas* (1969), colaboração no “Suplemento Literário” de *O Estado de S. Paulo*.

Alexandre Eulálio, companheiro de Brito Broca na redação da *Revista do Livro*, idealizou o plano das *Obras Reunidas de Brito Broca* em dezesseis volumes. Na quarta capa do primeiro deles, *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos: Vida Literária e Romantismo Brasileiro* (1979), documentou o projeto:

1. *Românticos, Pré-Românticos e Ultra-Românticos (Vida Literária & Romantismo Brasileiro)*
2. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas (Vida Literária do Realismo ao Pré-modernismo)*
3. *Futuristas, Passadistas, Modernistas (Vida Literária & Anos 20 no Brasil)*
4. *Modernismo & anti-modernismo (Problemas e Figuras da Época Modernista no Brasil)*
5. *Teatro das Letras*
6. *Passeio pelos Livros*
7. *Papéis de Alceste*
8. *Escrita & Vivência*
9. *Mapa Literário*
10. *O Repórter Impenitente*
11. *Estudos da Mão Canhestra*

12. *Americanos 1ª e 2ª séries*
13. *Horas de Leitura 1ª e 2ª séries*
14. *Machado de Assis e a Política Mais Outros Estudos 1ª e 2ª séries*
15. *Pontos de referência 1ª e 2ª séries*
16. *Letras Francesas 1ª e 2ª séries*

Dentre os volumes, publicou, além daquele dedicado ao romantismo, os *Ensaio da mão canhestra* (1981) e *Machado de Assis e a Política e Mais Outros Estudos* (1983), respectivamente os volumes 1, 11 e 14. A morte de Alexandre Eulálio, em 1988, adiou a continuidade desse projeto editorial.

O material que constituiria os volumes restantes – recortes de jornais, originais ou cópias, autógrafos, datiloscritos e provas tipográficas – foi depositado por ele, antes de falecer, no Centro de Documentação que leva o seu nome, na Unicamp. Baseado nesse acervo, pesquisadores prosseguiram na publicação das Obras Reunidas: *Papéis de Alceste* (1991), *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo* (1991), *Horas de Leitura* (1992), *Teatro das Letras* (1993), *Escrita e Vivência* (1993), *O repórter impenitente* (1994) e *Americanos* (1998). Cinco títulos ainda não foram publicados: os inéditos *Modernismo & Anti-modernismo* (Problemas e figuras da época modernista no Brasil), *Passeio pelos livros e Mapa literário*, e as reedições de *Pontos de Referência* e *Letras Francesas*. O volume 3 das Obras Reunidas, *Futuristas, Passadistas, Modernistas* (Vida Literária e Anos 20 no Brasil), não possui material correspondente no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (CEDAE).

### **O memorialista**

*Quando havia Província* era o sugestivo título que José Brito Broca imaginava para as memórias que deixaria inacabadas, mas que postumamente viriam a lume em 1968, pela Livraria José Olympio Editora, com introdução, estabelecimento do texto e notas de Francisco de Assis Barbosa.

Para Brito Broca, vida e literatura se confundiam. Segundo o organizador da edição, no texto introdutório ao volume, Broca não podia compreender que houvesse alguém capaz de diferenciar os dois conceitos: vida e literatura. Daí o seu espanto ao ser advertido por um secretário de jornal que disse: “Não escreva sobre literatura, trate de assuntos gerais.”

As reminiscências dos casos contados pela avó, que afirmava “minha vida é um romance”, perfazem uma camada importante no arquivo das memórias guaratinguetaenses. Aí, Guará (Guaratinguetá) é a personagem principal.

Sua habilidade como contador de histórias fica mais evidente que a de autobiógrafo. São os acontecimentos que lhe atraem a atenção, mesmo aqueles em que não seja o protagonista. Raramente ou pouco aprofunda-se na expressão de sentimentos, confidências, revelações íntimas. Só muito de passagem é possível encontrar algo pessoal nas entrelinhas da narrativa. É aos pedaços que o memorialista se deixa enxergar. Controladas e discretas como seu autor, dotadas de muita reserva em falar de seu universo pessoal, são memórias quase objetivas, sem efusão lírica.

Nas últimas duas partes que concluem o volume de *Memórias*, “Anos de Aprendizagem” e “Na revolução de 32”, há uma reunião de artigos e crônicas já publicados, de conteúdo autobiográfico. Já não mais criança, a literatura ocupa plenamente seu espaço. Os primeiros textos publicados em jornal de sua cidade, a emoção de ver o próprio nome em letras de forma, a insatisfação e a vergonha de vê-lo alterado para Brito Breca na colaboração inaugural enviada ao *Correio da Manhã*, no Rio de Janeiro, os contatos iniciais com os escritores admirados e até então personagens da vida literária da época, tudo isso é recordado nessas páginas.

As recordações (vividas de novo, no coração, segundo a etimologia) tentavam recompor, à maneira de Proust, em busca do tempo perdido, as fabulosas histórias da província. E no decorrer de toda a sua obra são muitas as menções a fatos e personagens do lugar onde nasceu. A memória alia-se à imaginação, sugerindo aos seus leitores a experiência miúda do fato humano associado ao conhecimento do universo literário.

Para Francisco de Assis Barbosa, houve com Brito Broca a transferência lírica do seu mundo infantil para o presente, o que representava para ele um dos motivos permanentes de sobrevivência, uma como que volta à alegria de viver.

### **O cronista**

Antes do predomínio da produção universitária, Brito Broca foi, assim como Álvaro Lins e Otto Maria Carpeaux, um dos expoentes do jornalismo literário no Brasil. Esse tipo de atividade, quase ausente hoje na imprensa, entre as décadas de 1940 e 1950, ocupou um grande espaço.

Brito Broca não enveredou pela crítica literária. Optou pela “crônica”, caracterizada por Antonio Candido como “narração concatenada de fatos, como história ou biografia baseadas no relato minucioso do acontecido com pormenores pitorescos e a capacidade de os fazer falar, isto é, transformarem-se em

significados.” Essa “crônica” pode ser entendida por “vida literária”, termo usado pelo próprio jornalista para retratar o contexto dos escritores e das obras.

Uma passagem de “Os intelectuais no advento da República”, de Brito Broca, pode ilustrar o comprometimento com o instante em que ele vivia. Ao comentar as dificuldades da profissionalização literária de Bilac e seu grupo, o cronista afirma: “o que acontecia com essa geração [...] era pretender viver da atividade literária, numa época em que (como certamente, até hoje, *hélas!*) isso não se tornava possível, ou antes, se tornava difícil no Brasil.”

### Entre o comendador e O Moço Loiro

A crônica de Brito Broca, divulgada em 28 de fevereiro de 1924, na seção “A Sociedade”, do jornal *O Farol*, em Guaratinguetá, criticando a postura do Comendador Rodrigues Alves poderia ter se transformado em mais uma página para figurar nas lembranças provincianas. O artigo foi o motivo da saída de Brito Broca de sua cidade rumo a São Paulo, onde iria se deslumbrar por estar tão próximo a figuras marcantes como Monteiro Lobato e nomes do modernismo nascente.

Dos primeiros textos publicados em jornal, essa crônica adquire um valor peculiar na vida e na biografia intelectual do jovem jornalista que “vez por outra criticava o conservadorismo coronelesco local... Em um desses ataques [...] recebeu *ultimatum* para abandonar a cidade em 24 horas. Aceitou-o com o fito de não criar dificuldades a seus familiares”, segundo Alves Motta Sobrinho, em discurso na Semana Brito Broca em Guaratinguetá, em 1966.

A crônica:

*Continuaram domingo entre o estrépito de zabumba e uma alacridade essencialmente almofadística as “domingueiras” com que o nosso mundo taful se arregimenta para as folias estardalhaçantes de Momo.*

*Podem louvar a Deus os almofadinhas profissionais que agora contam um excelente metteur-en-scène que lhes há de condicionar com a mais religiosa habilidade nos sucessos dos bailes e dos namoros.*

*Graças a esse melindroso e flexuoso “bonbon fondant” dos paladares super-finos das nossas indiferentes “jeunes filles à marier” vós, srs. almofadinhas, tereis coisa grossa porque esse homúnculo não poupa os seus misteres, e nunca poupará a sua atividade e o seu donaire para bem servir-vos a causa do pagode.*

*Lembro-me do Moço loiro, um surradíssimo romance de Macedo cujas páginas já se emboloraram dos dedos de uma legião de “pálidas airosas”.*

*Desse romance que devorei nos anos de primeira erupção sentimental, recordo o perfil esguinado, anguloso, de um conselheiro tal, homem quarentão, mas alegre e amigo da bombachata, que era popularíssimo entre as damas que dele faziam o “Sto. Onofre” dos seus namoros. Mas o simpático do velhote, espertalhão, não se deixava explorar assim sem auferir das suas propriedades de encenador frívolo as suas rendosas vantagens, apesar de já lhe doerem os rins e as forças de juventude lhe enfraquecerem a fantasia. O velhote, intercambiando os namoros, aproveitava-se disso captando a amizade dos rapazes, o que lhe poderia ser útil e sonhando concessões das damas, o que lhe era um aperitivo capitoso.*

*O homenzinho que hoje desliza pelas nossas ruas em companhia de alvacentos petímetros de folha de banana e que adeja nos nossos salões com o seu semblante de Adônis gorado, é um similar extemporâneo daquele velhote do bom Macedo.*

*Empresário de namoros, o homenzinho lucra com isso um imposto, que vai auferindo de ambas as partes; com os rapazes, tendo-lhe o seu caso de pacholice e às vezes um automóvel para um delicioso passeio; com as moças, as pequeninas dádivas – promessas tentálicas, “daquilo que não se pode dizer.”*

*Dançai amigos. O Conselheirozinho aí está! Ele não vai para Jaú.*

28/02/1924 J. B. Broca

Durante o Segundo Império e a Primeira República, Guaratinguetá teve participação relevante na vida política, com destaque nos fatos históricos locais, regionais e brasileiros, alcançando maior representação no cenário nacional.

É nessa época também que a política dos “coronéis” começa a ser criticada, questionada ou mesmo atacada pela imprensa que aparece como poderoso meio de contestação, acompanhada de material panfletário e livros em que a oligarquia é vista como o mal que deve ser combatido.

Em Guaratinguetá não era diferente, com suas duas facções em combate: uma preservando a conservação do *status quo*, a outra declarando oposição e tentando assumir o controle da situação.

No cenário, a família Rodrigues Alves protagonizava o primeiro grupo, com seus correligionários: os alvistas. Os antagonistas concentravam-se naqueles que seguiam os Camargo (Eduardo Augusto Nogueira de Camargo e, depois, seu filho João Baptista Rangel de Camargo), chamados de camarguistas.

Alvismo e camarguismo eram as duas forças políticas que se digladiavam em Guaratinguetá quando José Brito Broca escrevia a crônica, publicada no jornal *O Farol*, órgão de oposição à família Rodrigues Alves.

O Comendador Antonio Rodrigues Alves foi o representante máximo do alvismo. Seu domínio durou cerca de trinta anos, perdurou até 1928. Dono de vasta extensão de terras no atual bairro do Pedregulho, era também homem de outros negócios, sócio-proprietário do Banco Popular e da Cia. Luz e Força de Guaratinguetá. Habilmente, o poderoso político do Vale do Paraíba, que trazia consigo a força e o prestígio do irmão que fora presidente da República, não encontraria dificuldades para dar as cartas na política de Guaratinguetá.

A arma que o movimento de resistência à oligarquia dispunha contra o que classificava de “prepotência alvista” era o jornal *O Farol*, que depois de uma tentativa de empastelamento, passou a ser impresso na própria residência de Rangel de Camargo.

Mas se de um lado *O Farol* defendia pontos de vistas considerados justos, por outro lado, muitas vezes, foi influenciado pelo fanatismo político. Na edição de 22 de junho de 1924, sob o título “Recordando fatos”, lê-se que não existe entre o alvismo um só homem que se elevasse no conceito público pelo seu valor pessoal, pelos seus talentos jurídicos, oratórios ou jornalísticos. Na verdade, tal afirmativa é questionável, já que o alvismo teve também como destaque o Conselheiro Rodrigues Alves, que por duas vezes foi eleito presidente da República, tendo em seu primeiro mandato realizado marcante administração, principalmente na cidade do Rio de Janeiro; ou José Rodrigues Alves Sobrinho, ministro do Tribunal de Contas.

Na guerra política travada em Guaratinguetá, a onipotência alvista e a dura resistência e ataque camarguistas estabeleciam regras sociais que deviam ser cumpridas à risca pelos correligionários. Tudo na cidade respirava política. Como os clubes e os jornais, definitivamente rotulados como pertencentes a uma facção ou a outra, também as bandas musicais tinham a sua cor política. A Sociedade Musical “União Beneficente” era apadrinhada pelos Rodrigues Alves. Em contrapartida, a Corporação Musical Mafra e, depois, A Lyra Democrática tinham como protetores os Camargos. Lutavam “musical e corporalmente muitas vezes”, informa o professor de Guaratinguetá Benedito Dubskey Coupé.

Como se vê, esses fatos engendram e contextualizam a crônica de Brito Broca da seção “A sociedade”, texto que tocava fundo nas tensões políticas brasileiras, no microcosmo de Guaratinguetá.